

# A ESCUTA ESCRITA EM AÇÃO NA RUA COM ESTRANHOS

Tatiana SCHUNCK<sup>1</sup>

## Resumo:

Este texto estabelece uma ponte entre a ação de escutar e a ação de escrever a partir da ação relacional "Performance de uma pessoa escrita". Nas ruas, acompanhada de uma máquina de escrever, escutei diferentes pessoas e escrevi estes encontros. O texto pretende apontar como esse tipo de ação relacional aciona os corpos, a troca de subjetividades e revela a possibilidade de criar experiência para tornar a (r)e(s) xistência junto com alguém justificável.

**Palavras-chave:** *escuta; escrita; encontro*

## Abstract:

This text establishes a bridge between the action of listening and the action of writing from the relational action "Performance of a written person". In the streets, accompanied by a typewriter, I listened to different people and wrote these meetings. The text intends to point out how this type of relational action triggers the bodies, the exchange of subjectivities and reveals the possibility of creating experience to make the (R) and (s) xistence together with someone justifiable.

**Keywords:** *Listen; Writing; Date*

Faz-se necessário iniciar esse texto com algumas considerações sobre explorar uma escrita em artigo de modo mais performativo. Citando Cassiano

<sup>1</sup> Tatiana Schunck é uma escutadora que escreve. Doutoranda em Artes da Cena pela Unicamp, linha de pesquisa Arte e Contexto. Com pesquisa vinculada a experiências de escuta e escrita em ações nas ruas com o outro.

Quilici Sydol, que considera a “escrita performativa como um trabalho com a palavra que envolve estratégias e dispositivos de transformação de hábitos perceptivos, apoiados em ações e exercícios cotidianos”<sup>2</sup>. No sentido de exercitar aqui, mais especificamente, uma escrita que parte de exercícios de escuta. O texto se apresenta a partir do diálogo entre a temática da pesquisa em doutorado na área das artes da cena e a temática explorada no III Simpósio Internacional Repensando Mitos Contemporâneos do Programa de Pós-Graduação em Artes da Cena UNICAMP, que aconteceu entre os dias 21 e 30 de agosto de 2019. O Simpósio teve “como propósito indagar e refletir sobre os grandes mitos contemporâneos na área das artes da cena – pessoas, ideias ou conceitos que, ao longo da história, se difundiram, transformaram ou desdobraram em modos de fazer-pensar a cena e, por isso mesmo, merecem ser reconsiderados, problematizados, atualizados”. Diante desse panorama do simpósio gerado a partir de uma imersão em reflexões que tiveram como eixos centrais: memória, experiência e invenção; a presente escrita esforçou-se para trazer a luz aspectos emergentes desse refletir relacionando-os, mesmo que de forma implícita, às questões da pesquisa em doutorado. De certa forma, é a escuta acionada para estar no simpósio que também esteve acionada ao escrever este texto. Fundamentalmente, a escuta da memória como campo social e identitário, que através da arte pode nos confrontar com as nossas narrativas pessoais/sociais e revela possibilidades de subjetivação e expressão. Assim sendo, inicio esse texto com palavras acionadas pela contemplação do cotidiano, pela escuta de si e do entorno, a partir de fragmentos de memórias que são parte das nossas experiências e dos sentidos que compartilhamos coletivamente.

No dicionário Aurélio, a palavra **escutar** sugere: tornar-se ou estar atento para ouvir; dar ouvidos a. Aplicar o ouvido com atenção para perceber ou ouvir. Ouvir. Atender os conselhos de. Espiar. Espionar. Prestar atenção para ouvir alguma coisa. E escuta: ato de escutar, lugar onde se escuta, pessoa que escuta, escutador, pessoa encarregada de escutar as conversas dos outros, em estado, postura ou atitude de atenção, de vigilância.

---

2 Sydow Quilici C. (2019) “Performative Writings and Contemplative Exercises”, *Performance and Mindfulness*. 2(1). doi: <https://doi.org/10.5920/pam.559>

**Lista da Mãe** (que fala enquanto escreve na sua agenda)

Tenho que marca-ar consulta com o dr Renato para esse semestre, ainda, Dra Ana só a.ano que vem;

(Fala baixo para si mesma) exame de sangue 7h30 da manhã, jejum de 8 horas, depois colhê o papa nicolau e mamas daí só ano que vem

Tenho que ligar para An-gela do Monteiro para dar parabéns;

Cândida, sabão, mer r cado. Consulta Odair, depois eu vejo.

Tenho que marcar de.depilação, tenho que ir à feira;

Tenho que ligar para tia Rene. (tem ponto final porque é alguém mais fundo)

Ligar pra Angela do Monteiro p...

Tenho que pedir pra deus cuidar dos meus três filhos, do Mar-arcelo, da Tati e do Marcio;

### **A lista**

Essa é uma lista parecida com as palavras que eu costumava escutar quando criança. Acordava de manhã escutando a minha mãe falar alto e sozinha sobre as tarefas do dia ou contando algo baixo de si para si. Eu, ainda na cama, sentia a minha respiração aumentar sua velocidade, gerando no peito uma motivação para tremer um pouco. Descobri assim, a pressa. Minha mãe se sentava no murinho do quintal ou apoiava os cotovelos no barzinho da sala e escrevia enquanto falava alto e devagar pensativa. Ela escrevia as suas listas em agendas que sobravam de anos anteriores. Minha mãe às vezes gagueja. Mesmo quando fala sozinha. Ela dá tempos vazios entre algumas palavras, às vezes, entre sílabas. Isso é bonito de ouvir. Uma voz como qualquer outra, mas com uma musicalidade tão dela que dá a sensação de tão perto. A voz da minha mãe é um espaço.

## **Escuta**

Eu me lembro de escutar antes de qualquer outra ação que pude realizar. Tenho na memória instantes de sons enquanto meu corpo ainda era pequeno. Sensações que me resgatam um espaço específico para estar, como um canto de quarto com uma cama, luz azul claro baixa, som de lençol azul claro, minha mãe e meu irmão mais novo em seu colo, três anos mais novo que eu. Lembro, por ter escutado essa imagem, mais do que vivenciá-la de fato. Não lembro de algo ter acontecido ali enquanto ação, mas lembro da temperatura do lugar, do corpo da minha mãe, do cheiro do bebê cabeludo (extremamente) no colo, que era meu irmão. Lembro do azul da luz baixa, tem um *sonzinho*. Lembro dos sons que esse bebê fazia para os quais minha mãe devolvia com a sua voz, uma experiência de cansaço e ternura. E crio essa imagem pela escuta que tive. Sem a escuta essa lembrança seria uma imagem intacta, uma fotografia, ou talvez até esquecida, mas os sons que ocupam essa imagem geram a ela movimentos sutis na memória. Ela surge de leve pelo corpo e chega no coração. Pela escuta da minha respiração num corpo infantil, ocupando espaço *entre costelas* e subindo até a *região axilas*. Espaço para respirar que é movimento. Lembro de escutar no tronco do corpo. Uma escuta pele que faz microvibrações nas vísceras, que permite perceber, pela escuta, os movimentos sutis, porém intensos, entre músculos, ossos e órgãos. Esse espaço interno que deixa peito e barriga se relacionarem de forma emocional, simbólica, cheia de ar mantendo uma vida. Uma escuta que aciona a batida do coração como um registro poético que percebe esta vida e que estabelece um olhar para dentro, para acionar a percepção do movimento interno, percebê-lo se exteriorizando em sua individualidade, tecendo um caminho de dentro para fora, em sintonia com o de fora para dentro e, com o de dentro para dentro, criando assim, uma rede de percepções significativas.

Minhas experiências de escuta foram algumas e bastante intensas principalmente desde o momento em que aprendi a escrever. Escrevia o que escutava. **Achava que tudo que escutava devia ser escrito, quase enlouqueci.** Às vezes escrevia de fato em algum lugar, noutras, permanecia escrevendo somente dentro do pensamento enxergando essas imagens. Escrevia *como* escutava, então, escrevia "errado", pois nem tudo o que se diz é como se escreve. Ainda escrevo assim. Nesse sentido, ainda carrego o exercício de um *escutaescrever*, um gesto unificado por estes dois verbos. Sem separação. Sugiro essa junção *escutaescrita* por reconhecer a escrita como um verbo da escuta,

por experimentar a escrita escorrendo de uma escuta a partir de experiências que tiveram início ainda na infância e a partir das ações artísticas nas ruas com estranhos.

### **O outro**

Minha memória corpórea aponta a escrita sendo escutada e sendo gestada para fora em palavras. A escuta exige um tempo que ressalta a singularidade de sentidos da palavra anunciada. Palavras que anunciam a existência de um “outro interno”, alguém em si que fala, alguém em si que escuta e que também proporciona vias de contato com um “outro externo” quando engajado na sua escuta. Esse outro externo era o meu maior interesse a escutar, uma espécie de busca de mim no outro. O pensador Maurice Merleau-Ponty (1999) assinala que, antes de construir o outro, eu o vivo e ele vive em mim, de um modo aquém da relação sujeito-objeto. Antes de ser o polo de uma relação objetiva, o mundo é a minha experiência de mundo. E o outro não o habita de modo objetivo desde o princípio: a minha experiência do mundo é a minha experiência do outro.

O filósofo austríaco Martin Buber (1982), em seus escritos sobre dialogismo, dizia que o indivíduo, para realizar plenamente o seu “eu” precisaria entrar em relação dialógica com o mundo, ele precisaria dizer “tu” ao outro. E este dizer tu, só seria possível dizê-lo em sua totalidade, ou seja, o indivíduo precisaria perceber e aceitar o outro também em sua totalidade. Seria preciso que o *outro* se tornasse presença para o *eu*. Buber escreveu que aquilo que me acontece é palavra que me é dirigida (1982, p.44); a conversa – o diálogo genuíno só se dá em situação de reciprocidade, ou seja, quando o indivíduo de fato experimenta o lugar do/com o outro com quem conversa, sem, contudo, abdicar de sua própria especificidade.

Uma conversa sem reservas, na rua entre estranhos, como a que proponho na ação “Performance de uma pessoa escrita”, deslocada do lugar comum, faz jorrar uma comunicação que nasce da escuta de uma pessoa endereçada ao seu vizinho (o desconhecido). Há espaço para se criar vínculo e construir espaços entre narrativas que relacionem os dizeres de uma e de outra pessoa estruturados no cotidiano. Portanto, trata-se de exercitar um espaço de invenção de um tipo de existência breve, de sentimentos compartilhados entre eu e o outro, aproximando-

nos como estranhos nas ruas, numa esfera de intimidade. Ainda nos diz Buber:

Estaria ainda propenso a pensar talvez num recanto despercebido e no entanto significativo da existência: nos olhares que, no tumulto da rua, esvoaçam de repente entre desconhecidos que se cruzam sem mudar de passo; existem, entre estes, olhares que, flutuando sem destino, revelam, uma à outra, duas naturezas dialógicas. (BUBER, 1982, p.37)

Para Mikhail Bakhtin (2003), a linguagem é uma prática social cotidiana que envolve a experiência do relacionamento entre pessoas. Ou seja, as palavras que o outro me diz, dão a mim a minha própria medida e a do mundo no qual estamos inseridos. É nesta conversa (entre eu e outro) que inauguramos o espaço da experiência, uma possibilidade de nos arriscarmos àquilo que não conhecemos. Nesse sentido, a esfera da linguagem é vista como prática social e como elemento essencial para compreensão e transformação da realidade. A importância da obra de Bakhtin foi relevante para a compreensão de como se efetua a produção da significação no funcionamento dos discursos da vida cotidiana, aqueles que se relacionam diretamente com a situação em que são produzidos, identificando-se neles, a natureza social da linguagem. Bakhtin construiu uma filosofia da linguagem que se aplica às preocupações relativas à vida cotidiana, colocando a dinâmica social da prática observável da linguagem como a força especificadora que estrutura as relações interpessoais.

A alteridade intervém na existência. O como uma pessoa vive as relações sociais, teria na linguagem o elemento central desse processo. É que a identidade, e então, a consciência de si próprio seria um movimento em direção ao outro, um reconhecimento de si pelo outro e, este reconhecer definiria também *o como* dizer *o que* se diz ao outro. Através da palavra, eu me defino em relação ao outro, em última análise, em relação à coletividade. O "eu" só se realiza no discurso, apoiando-se em "nós". O ser humano não existe para si, senão na medida em que é para os outros: o próprio nascimento ou a própria morte - o que nos faria pensar num contínuo movimento de nossa própria vida: começar no outro e terminar no outro.

### ***Essa escrita***

Nesta escrita que é parte da pesquisa em doutorado, gostaria de me ocupar em olhar brevemente para a esfera do encontro com o outro - entre artista e transeuntes - nas artes, provocado pela escuta, na vida, nas ruas da cidade, a partir da ação "Performance de uma pessoa escrita". Nesta ação, acompanhada de uma máquina de escrever, encontrei, escutei e escrevi diferentes pessoas que transitam pela cidade, desde o ano de 2013. Gostaria de espionar os processos internos do corpo quando este se encontra com outros corpos desconhecidos e criam juntos alguma duração neste estar. Observar as imagens que operam algum espaço do inconsciente e explorar suas potencialidades numa escrita posterior ao encontro, considerando a possibilidade de construir uma poética na esfera da performatividade, através do material já escutado na ação. Explorar, nesse sentido, os espaços que se abrem a partir da linguagem e da escutaescrita como prática de relação renovada de si para si e também para com o outro.

Para refletirmos sobre essa temática, sugiro o seguinte caminho (que não será seguido exatamente nesta ordem, mas em conversa, num ir e vir): 1) Escuta: lembrar que é no corpo que acontecem as coisas, por isso, o corpo inicia a escrita, tanto como corpo que escreve nesta folha, quanto como assunto nesta folha; 2) Ação: "Performance de uma pessoa escrita": o encontro entre dois corpos estranhos, o que acontece nesse encontro entre desconhecidos, quais as possíveis narrativas datilografadas, que troca de subjetividades é esta, como ela acontece?; 3) Escrita: pode uma escrita posterior ao encontro ser compreendida como possibilidade de criação poética tendo como base uma "estética da existência"?: possivelmente, uma escrita de cunho literário a partir das narrativas da "Performance de uma pessoa escrita", abordando-as na chave aberta por Foucault quando discute a "escrita de si" como prática da liberdade constitutiva das estéticas da existência.

### ***O corpo e o cuidado de si***

A abordagem corporal desta pesquisa tem por base a escuta das manifestações corpóreas, das potencialidades perceptivas do corpo, das memórias registradas e inscritas no decorrer da vida, e que se expressam na estrutura e organização corporal, deixando, desta forma, algumas marcas no corpo. No corpo, como instância relacional, inscrevemos nossa experiência social e construímos

linguagem, revelando nosso pertencimento ao mundo que nos cerca. Tudo está inscrito no corpo.

O pensamento que aqui se apresenta parte da tentativa de acessar um pensamento do/no corpo, através de um *estar presente* em suas sensações, enquanto se executa os movimentos, enquanto se reflete e se escreve sobre a pesquisa, assistindo ao que se projeta do corpo à palavra, entre corpo e palavra. Nesse sentido, há o exercício de intencionar uma escrita corpo. Esta, parte de uma atenção à escuta acionada no corpo, atenta às sensações e às palavras que as contam, a prática da escuta escrita. A prática de uma escrita do corpo sugere a percepção de um corpo próprio, buscando um caminho para acessar o próprio corpo enquanto campo revelador de processos, subjetividades e reflexões, que está em relação com outros corpos, mas que é diferente do corpo do outro porque possui outras memórias e inscrições. Essa escuta escrita acorda também as experiências possíveis no espaço-tempo-subjetividade, colabora para uma poética do encontro quando a voz e o gesto de outro alguém afetam os nossos sentidos e, aponta para o “cuidar de si” como estratégia de uma “estética da existência”.

As ideias sobre o cuidar de si e a estética da existência apontam para a possibilidade de criação de um saber próprio de si, visando a produção de um si mesmo, não só abrem a possibilidade de um caminho singular capaz de conduzir a ação de um indivíduo, como também produzem mudanças neste indivíduo e em suas relações. No terceiro volume de *História da Sexualidade III – O Cuidado de Si* (1985), Foucault trabalha, a partir da antiguidade greco-romana, dois importantes conceitos: *as técnicas de si e a estética da existência*. Foucault comenta que na antiguidade greco-romana, as técnicas de si ou cuidar de si possibilitavam aos indivíduos a realização de determinadas ações em seus corpos, em suas almas, em seus pensamentos e principalmente em suas condutas. Para o estabelecimento desta relação consigo era necessário estabelecer um trabalho de si sobre si mesmo, ou seja, uma prática de si, que se realizava através de uma *askésis* (exercício, prática). O objetivo final da *askésis* não era preparar o indivíduo para uma outra realidade, mas lhe permitir viver eticamente na realidade deste mundo no encontro e na relação com o outro, sendo um processo de intensificação da sua própria subjetividade. A estética da existência é pensada então como uma ética do cuidado de si, que se efetua em atos e ações para consigo e para com os outros, e está implicada diretamente na produção inventiva de si (novas

formas de subjetivação), assim como também está implicada na capacidade de transformação do mundo que o cerca.

Escutar o corpo e o que está em relação ao corpo exige então uma atitude de atenção e cuidado, de vigilância para consigo mesmo, para com o outro e para com o mundo. Nesse sentido, a escuta pode ser considerada como busca pela intensificação da presença para encontrar o outro. Esse estado intensificado de percepções ocorre — ainda que centrado no próprio corpo — em diálogo com a paisagem circundante. Pois,

A cada instante há mais do que o olho pode ver, mais do que o ouvido pode perceber (...). Nada é vivenciado em si mesmo, mas sempre em relação aos seus arredores, às sequências de elementos que a ele conduzem, à lembrança de experiências passadas. (LYNCH, 2006, p. 1).

### **Ação "Performance de uma pessoa escrita"**

O corpo atravessa a rua e começa a olhar aquilo que não veria. Na ação "Performance de uma pessoa escrita", a escuta é o dispositivo. A partir dela, não somente os ouvidos, mas o corpo caminha e abre-se ao encontro, como se no peito um espaço fosse aberto aos lados e mais fundo. O ar entra mais lentamente e ocupa espaços laterais até axilas, ampliando a estrutura corpórea como espaço para os acontecimentos. Escuto as vozes mais próximas e ao longe. Seleciono intuitivamente algumas delas, talvez as que estão mais nítidas, não é uma escolha racional. Trata-se de escutar o que surge primeiro e mais limpo aos ouvidos ampliando espaço dentro do corpo, como se ocupasse por dentro alguns espaços esquecidos. O fora conversa com o dentro e amplia o tamanho e o saber do dentro que, em consonância, amplia também o saber do fora. Às vezes, isso tudo se rompe por qualquer outro pensamento ou atenção que ocupe a mente. Tempo, espera, observação, acolhimento. Daí recomeço a escutar.

No espaço público, como praças, calçadas, terminais de ônibus, metrô, pontos de ônibus, dentro de ônibus, em espaços de espera; sento-me com uma máquina de escrever no colo com uma folha. Trata-se de uma *Hemington 76* ou

uma *Olivetti 74*. Outro banco está a minha frente ou ao lado. Criando um espaço de intimidade, com duas cadeiras ou bancos trazidos de casa, uma máquina de escrever e uma lousa escrito “Performance de uma pessoa escrita”, eu me coloco num estado de presença em disposição ao outro, na postura de escuta ampliada a partir do acionamento de **um corpo que sustenta um campo relacional na rua**, criando uma espécie de fratura afetiva na cidade. Talvez eu me arrisque a dizer que me coloco numa espécie de submissão ao desconhecido, se pensarmos a partir das palavras de Heidegger:

[...] fazer uma experiência quer dizer, portanto, deixar-nos abordar em nós próprios pelo que nos interpela, entrando e submetendo-nos a isso. Podemos ser assim transformados por tais experiências, de um dia para o outro ou no transcurso do tempo. (2012, p.143).

Nesse sentido, submeter-se ou expor-se ao encontro é também aceitar o risco da experiência. A palavra experiência vem do latim *experiri*, provar (experimentar). O radical *periri* se encontra também em *periculum*, perigo. Per se relaciona com a ideia de travessia (LARROSA, 2014, p 26). Então, trata-se de expor-se ao convite do encontro, colocar-se em travessia desconhecida, aceitar o risco de estar com o outro e não controlar aquilo que é estranho. Não deixa de ser como um desvelar de um primeiro encontro com alguém que não se conhece, desejando abrir uma história juntos. A alteridade, esse estar com o outro é também o ponto de partida da construção de uma ética e o que nos une é uma espécie de responsabilidade mútua. O outro se compromete ao se contar. Quando a memória é acionada nesse contar-se, ela traz o compromisso com o seu próprio passado, que é atualizado no tempo presente ao contar isso para alguém, sem consequências nesse contar. Então, eu busco nessas ações, com sensibilidade chegar à essência desse primeiro encontro, atingir algum elemento que identifique a sua função significativa. Tem sentido e significado se colocar à disposição do outro? Tem sentido se contar para alguém, ou escutar alguém se contando no contexto da cidade?

## **Sentidos na ação**

Escuta do corpo. Quase não há espaço entre escutar e escrever, ou há tanto espaço entre escutar e escrever que dá tempo de escrever enquanto escuto. Ao mesmo tempo, fica clara a rapidez com a qual escrevo, pois, quase toda palavra vira um pedaço de frase, não fica tão fragmentada. Vira frase. Ou seja, enquanto escutoescrevo, busco sentido no que escuto, ou dou sentido ao que escrevo.

Para buscar sentido,

### **Foco de estudo:** *Ações na rua com estranhos*

*(Nas quais as experiências dos encontros possibilitam um revolvimento em direção a si mesmo e ao próprio mundo)*

*(Nas quais as experiências dos encontros possibilitam um campo de atuação poética para o compartilhamento de escutas, afetos e subjetividades)*

Mas o que diz “estranho”? Estranho significa comumente o que não é familiar, o que não nos diz respeito, mas sobretudo o que nos pesa e inquieta. No alto alemão, *fremd* vem de *fram* e tem propriamente o significado de: adiantar-se rumo a um outro lugar, estar a caminho de..., o que se movimenta em direção ao que foi resguardado, reservado. O estranho está em travessia. Sua errância não é, porém, de qualquer jeito, sem determinação, para lá e para cá. O estranho caminha em busca do lugar em que se pode permanecer em travessia. O “estranho” segue, sem quase dar-se conta, um apelo, o apelo de se encaminhar e pôr-se a caminho do que lhe é próprio. (HEIDEGGER, 2012, p. 30-31).

Um estranho caminha pela rua, observo, percebo, busco. A intenção é a de encontrar esta pessoa e compor junto alguma poética na esfera urbana. Mas por que esta pessoa estranha e não outra? O que está em jogo nessa “escolha”? Como nos encontramos de fato? O que acontece entre nós para que decidamos aceitar

*estar junto* por algum tempo na rua? Dispositivos são acionados: a escuta, uma paisagem, a máquina de escrever, alguns escritos, um corpo em disponibilidade ao outro que é o desconhecido, uma oferta de escuta, um desafio, um campo em expansão.

O tema “estranho” foi bastante estudado por Freud em seu ensaio intitulado “O estranho” (*Das Unheimlich*). Neste, Freud refletiu sobre o fenômeno da estranheza, pois na tradução de *unheimlich* para outras línguas encontram-se acepções tais como: estrangeiro, desconfortável, inquietante, hora estranha, lugar estranho, sombrio, obscuro, assombrado, repulsivo, suspeito. Pode-se dizer que a razão de ser do texto de Freud apoia-se numa ambiguidade linguística que produz um efeito: *heimlich*, que quer dizer familiar, também significa algo secreto e oculto, o que, paradoxalmente, torna essa palavra próxima de seu oposto, *unheimlich*. Aos exemplos que Freud dá em seu texto vale acrescentar que a palavra estranhar em português é comumente utilizada para uma situação que deveria ser familiar para alguém, mas que naquele momento não é. Em espanhol, *extrañar* significa “sentir falta ou saudades”, ou seja, remete a algo familiar que não está presente. Considerando ambiguidades desse tipo, Freud (2014) aponta que o estranho, *unheimlich*, é de alguma forma uma “subespécie” de *heimlich*, do familiar. Nesse sentido, a ambiguidade do termo *heimlich*, reflete aquilo mesmo que é o fenômeno do estranho, que é exatamente o desvelamento dessa ambiguidade que nos assusta, esse ponto de encontro quando então não sabemos mais distinguir o que é familiar e o que é desconhecido. O estranho então, não é somente aquele que diferencia, nem somente aquele que perturba e assusta, mas é aquele que tem o poder de chamar a atenção para algo que muitas vezes não sabemos nomear, mas que escutamos e que nos faz seguir em intenção de aproximação, nos aciona alguma intencionalidade.

A intencionalidade do corpo humano, a sua originária abertura ao mundo, o seu expor-se, e esperar indicações do mundo para si, é atestado, acima de tudo, pela sua estrutura anatômica. Nós somos eretos não pela mecânica do esqueleto ou pela regulação nervosa do tônus (estas são consequências, não causas), mas porque estamos empenhados no mundo. Quando este empenho se reduz, quando diminui a apreensão ao mundo, o corpo se abandona, cotidianamente no sono e, no final, na morte, quando se torna

objeto puro, coisa entre coisas, imobilidade, não gesto, silêncio, não palavra, corpo como o concebe a anatomia da ciência. Não é a alma que se foi, mas é o mundo que não existe mais, ou existe somente como terra que o acolhe e o sela. (GALIMBERTI, 1996, p. 65)

É o empenho intencional no mundo em direção ao outro que oferece o diferencial anímico do corpo humano, o sentido gestual, o logos profundo e o verbo corporal. Estar no mundo com pessoa estranha é permitir ao corpo lacear as amarras da própria identidade e abrir-se para outras experiências de encontro. Talvez o encontro entre pessoas desconhecidas, a partir das ações nas ruas, possa colocar em risco a própria noção de si, colocando em crise as identidades envolvidas, revelando o corpo como lugar para os acontecimentos e também nos possibilita investigar a forma como nos relacionamos e significamos as coisas.

Nas palavras de María Zambrano: "existir é resistir, ficar 'de frente', opor-se. O homem passou a existir quando, diante de seus deuses, ofereceu resistência" (ZAMBRANO, 2008, p. 18). Nesse sentido, podemos identificar como ato corpóreo o colocar-se em disposição ao encontro com alguém como *resistência*, o que pode parecer contraditório "disposição e resistência", mas a sugestão que aqui se apresenta é a de se pensar em resistência como existência, como forma de se manter em travessia seguindo o apelo do desconhecido, mas na direção daquilo que lhe é próprio. Ainda podemos pensar que resistir é também durar no tempo espaço, por isso a ideia de se *opor* pode nos oferecer diferentes leituras sobre como o corpo se coloca em intenção diante de outro corpo.

Nessa direção, a arte como encontro pressupõe também alguma duração, compõe e reconfigura espaços-tempos singulares, abrindo esferas na cena cotidiana, na rua, na própria vida. E isso nos permite pensar essa duração no estar com alguém na rua a partir também de seu caráter político, que está justamente nas diferentes maneiras encontradas como formas de convívio entre artistas e pessoas transeuntes, onde ambos constroem durações e invenções no estar e no como estar junto no espaço público. Na ação citada na presente pesquisa, as conversas se misturam com o barulho das ruas, o que impede que a

ação seja “assistida”, mas revela seu caráter relacional exposto a partir de uma “interrupção” (uma (r)e(s)xistência diante de alguém) na dinâmica do dia a dia da cidade. O que importa então não é somente o conteúdo dessas conversas, mas a maneira como essas ações acionam os corpos, apontam a troca de subjetividades e afetos e criam dinâmicas dialógicas, tomando o caráter político como uma instância corpórea, afetiva e humana. A necessidade de encontrar uma pessoa estranha na rua se faz na medida em que o estar com o outro é a possibilidade de criar experiência para tornar a (r)e(s)xistência junto com alguém justificável.

### ***Encontros com estranhos nas ruas***

A seguir e para finalizar (por enquanto) esta escrita, gostaria de compartilhar alguns encontros da ação relacional “Performance de uma pessoa escrita”, acontecidos em sua maior parte na cidade de São Paulo, entre os anos de 2013 a 2018. Além de apontar sobre o que estas experiências têm de “estranho”, sobre aquilo que se conversou num determinado local, num determinado tempo, num tipo de intimidade entre pessoas desconhecidas, e que foge da objetividade e da fixação material e intemporal. Também para falar do caráter efêmero destes encontros, pois sua concretude tem uma vida limitada ao instante em que ocorre o fenômeno e está inserida no tecido dos acontecimentos da esfera vital e social. As narrativas aqui apresentadas revelam subjetividades espalhadas entre ruas e avenidas, além de ruelas, lanchonetes, bibliotecas, calçadas, farmácias, ainda em ônibus, terminais rodoviários, metrô, praças e trânsitos percorridos a cada dia e dia mais.

Durante as conversas, algum tipo de “tradução” acontece nessa escuta colocada no papel, nalguma escolha espontânea que aponta aquilo que importa escrever. Há um risco de “perder partes” nessa escrita que opera enquanto escuta, e que muitas vezes se incompleta somente para escutar e olhar nos olhos de alguém que fala, porque aquilo que fala carrega importância e sentimento. A escrita na máquina de escrever se deu em minhas mãos, e em alguns momentos, nas mãos de pessoas que aceitaram a conversa. Os nomes das pessoas que aqui se apresentam foram alterados para ficarmos somente com as palavras desses desconhecidos.

A escrita que segue é um tipo de movimento entre o encontro com o outro

(Fragmento Narrativa datilografada), a lembrança desse encontro (Escrita pós encontro, impressões do encontro) e o enfrentamento com as palavras que contam para buscar ainda um outro jeito de contar (Exercício de imaginação, pode ser ficção). Quem escreve é o corpo que esteve presente, que registrou sensações na memória corpórea dessas experiências de escuta, que se inscreveu em gestos. Sem nenhuma pretensão de interpretar as situações vividas, mas sim de partir dessa escutaescrita para uma outra escrita que tenha como inspiração a narrativa do encontro, que se dispõe a tensionar o material "testemunhal" numa camada performativa entre lembrança e (re)invenção - livre do compromisso com o que já aconteceu, mas fiel ao corpo que esteve presente na escuta e que conheceu, em alguma medida, aquilo que também não foi dito, mas imaginado.

### ***Fragmentos dos encontros na ação 2013 / 2019***

**Solange - zona central SP**

#### **Fragmento Narrativa datilografada:**

Eu gosto muito de ler. Mas não é sempre que dá. A minha vista cansa. Mas aqui tem umas matérias boas, já aproveito para ler, comer e passear. Gosto de ler a sessão de como economizar, apesar de que eu já economizo bastante, mas é sempre bom saber economizar mais.

Também li aquela parte que ensina a como andar direito. Eu piso errado.

Meu pé fica com calo perto do polegar, por que será?

---

#### **Escrita pós encontro, impressões do encontro:**

A Solange está sentada lendo, recolhida em seu estar e sozinha. Mal levanta os olhos enquanto lê. Sento-me próximo a ela numa mesa de praça na região central de SP. Ela com a sua revista, eu com a máquina. Ela não me olha. Começo

a datilografar o dia, a hora e o local. Ela deixa seus olhos me avistarem. Sorrio. Ela sorri de volta e logo se enfia na revista novamente. Pergunto se a incomoda com o som da máquina de escrever. Ela então para a leitura e diz que não. Conta sobre sua leitura e mantém uma espécie de pressa no corpo enquanto conversa comigo. Como se abrisse um pouco de sua atenção, mas com limites. Cruza as pernas e troca esse cruzamento algumas vezes enquanto estamos juntas. A revista está fechada e seu olhar está na paisagem, às vezes se volta para mim. Ela usa óculos de grau e se veste com casaco marrom, calça jeans, tênis preto, carrega uma sacola cheia e a revista. Olha bastante para baixo, sorri timidamente, é um corpo pequeno e delicado. Se apressa em se despedir enquanto ainda me conta sobre a matéria na revista. Mostra seu pé quando fala do calo perto do polegar. Como eu não sei responder sua pergunta ela se despede e diz que é hora do almoço. Ficamos ainda em silêncio por algum instante, é um tempo curto, mas alargado em troca de olhares familiares e sorrisos breves. Ela me agradece pela conversa. Coloca sua mão no meu ombro direito e interrompe algum espaço que nos separava até então. Tocamos as mãos e suportamos aquele tempo no qual as mãos ainda não se separam, mas deviam. A observo indo caminhando levemente pela rua e, por fim, um olhar para trás que me acena um tchau com a mão direita. Ela sorri. Eu também.

---

### **Exercício de imaginação, pode ser ficção:**

Nada me interessa a ponto de adquirir vida social, pergunta e resposta. Me deixe. Nada pretendo a não ser sair de casa e voltar para casa. Em casa tenho o Romeu, ele me dá trabalho, pois engasga sempre que come. Passo dias e dias no veterinário com Romeu. Ele sofre e me encara com olhos de quem cansa. Imagino-o cansado de mim, por isso saio de casa. Para deixá-lo descansar. O gato branco que ganhei de susto quando subi as escadas do prédio e o vi deitado no chão, no tapete, na minha porta. Agora moro no térreo, subir escada cansa. Romeu não é afetuoso, nem eu sou. Nos entendemos assim, dou comida, dou cama e espaço, ele me dá a presença mínima para não sucumbir ao silêncio total. Sinto como um engasgo na traqueia, pareço com esse bicho, ele parece comigo. Desde que ele chegou não precisei mais ter conversa. Você nem sabe, mas vir

falar comigo é assunto proibido, não quero falar, não gosto de falar, mas finjo, para não parecer louca. Eu olho de canto para todos esses velhos aqui sentados ao meu lado e nem sei se estão vivos mesmo. Eu abro a revista e fico a ler aquilo que não me interessa. É só para passar o tempo, não pretendo saber de mais nada. Só somo as vogais de cada página e vejo qual ganha. Minha vida está mais no final. Sinto mais meus ossos encostando nos assentos. Sou magra e velha. Ser velha é melhor ser gorda, ter mais carne para assentar o corpo. Não penso em morrer, mas penso todo dia. Tem um velho que se senta sempre ao meu lado no banco e que tem vitiligo, ele nunca me olha, está sempre concentrado. Lê um livro por dia. Não sei se até o fim, porque saio antes. Ele tem manchas pelo rosto todo. Eu o acho bem desagradável, mas suporto para não ser preconceituosa. Ele passa um perfume bem forte, ou é desodorante masculino. Não gosto. Mas ele sempre se senta perto. Eu não mudo de lugar, cheguei primeiro.

---

### **Rafael - zona central SP**

#### **Fragmento Narrativa datilografada:**

Nem eu sei onde nasci. Eu pesquisei, mas só ouvia: coitadinho...

Acho que eu sofri muito, fui jogado para lá e para cá. Só fui conhecer o meu pai depois de vinte anos, saber onde ele estava, mas era distante. Eu descobri meu pai.

Eu tenho dois filhos. Três netos. Dois bisnetos.

Você os vê? (Eu pergunto)

Você acha que eu vivi essa infância para depois repetir o que os meus pais fizeram? Agora eu imagino como minha vida teria sido se eles não tivessem se separado, se eu tivesse ficado em Varginha. Descobri que lá tem faculdade de Direito, será que eu teria me tornado advogado? Hein?

Eu não acho que as pessoas devam se separar. Se tem filho então... Apesar que meus dois filhos se separaram... (risos) ... Eu vivo com meus netos, a gente cuida deles. (Um sorriso)

Sorte a sua que eu esqueci meus óculos, hein?

(Me diz isso porque se estivesse com os óculos estaria lendo e não conversando comigo)

---

### **Escrita pós encontro, impressões do encontro:**

Um senhor cheio de ânimo. O percebo sentado na mesa de uma biblioteca pública. Sento-me próximo com a máquina, ele então pula duas cadeiras e senta-se ao meu lado. Disposto a conversar. Conta que vai ao baile três vezes na semana, que gosta de dançar. Ele se desloca por bairros da cidade só para dançar em determinadas noites com determinadas mulheres. Pergunto de onde ele é. Ele conta sobre a ausência no começo de sua história, sobre o sentimento de abandono enquanto criança. Conta tudo isso sorrindo leve, seca alguma lágrima no canto do olho enquanto conta do pai (de algum pai). Logo se recompõe e fala da sua família e nessa hora sua expressão é diferente, ela se amplia e se comove de forma positiva. Eu sorrio de volta a este movimento. Ele está tranquilo sentado, suas mãos são grossas, mãos que trabalham. Ele realiza um gesto de cruzar os dedos enquanto fala, e muda a ordem dos dedos enquanto se conta. Fala num tom de sabedor sobre a vida, conhecedor de experiências familiares. Ele tem uma expressão às vezes séria, mas permeável. Usa uma calça bege social. Uma camisa branca e óculos pendurado numa cordinha dourada. Diz que o esqueceu, mas o vejo pendurado. Não digo nada.

---

### **Exercício de imaginação, pode ser ficção:**

Quando estou só, preciso de algodões para colocar nos ouvidos. Gosto da

sensação de tapar as orelhas com um som que nasce para dentro. Um zumbido calmo que desliga o exterior. Gosto de pensar que nada acontece fora de mim. Eu faço isso desde criança. Quando me canso boto os algodões nos ouvidos e descanso. Eu tinha uns dezesseis anos quando resolvi ligar para um número de telefone que consegui com minha mãe. Ela dizia que era o número do trabalho do meu pai. Nunca liguei. Mas naquela tarde, nada estava diferente, não chovia, não era dia de sol, não estava nervoso, nada havia acontecido nada de ruim na escola, não havia brigado, nem estava preocupado, nada, nada. Diante do espelho eu me vi diferente. Fui escovar os dentes e quando olhei no espelho achei que estava me parecendo com alguém que não era minha mãe, nem com nenhum parente mais próximo a ela. Não parecia comigo, nem com ela. Aquilo me intrigou. Olhei um pouco só e logo saí do banheiro. Deitei na cama no quarto. Escutei o som da obra ao lado de casa. Estava sozinho no apartamento. Não tinha nada diferente. Meu rosto é que incomodou com traços que não pude dizer a quem puxaram. Fui até o quarto da minha mãe e abri a gaveta do criado mudo. Lá estava o papel dobrado com um número de telefone. Segui até a sala e coloquei a mão no aparelho. Disquei os números. Era um tipo de tempo em silêncio que não entendi direito como o criei, como fui parar nesse tempo que parecia se apresentar “de lado” para mim. Alguém atendeu, era uma mulher. Perguntou com quem queria falar. Não ouvi direito o que ela dizia e lembrei do algodão. Desliguei o telefone e arranquei os dois algodões. Os ouvidos estavam levemente frescos por dentro com a saída dos algodões. O tempo estava diferente. Parecia estar lento. Parecia pesar diferente. Senti meu corpo mais firme e um suor diferente pela lateral do rosto. Outro suor escorrendo na batata da perna. Sequei ambos. Joguei os algodões no chão. Encarei aquele chão da sala de casa como diferente, estranho. Mais escuro talvez. Liguei de novo. Um homem atendeu. Eu disse quem eu era, disse meu nome e perguntei quem era do outro lado da linha. Rodrigo, ele disse. Eu disse, você é meu pai {{{{(?)}}}. A sala pareceu girar até parar ao contrário. Eu estava ali, pendurado ao chão como um morcego. Não lembro o que falamos depois. Fiquei pendurado ali até desligar o telefone com um endereço anotado. Pronto. O chão voltou a ser baixo e embaixo dos pés. Li o endereço e o guardei no bolso. O som da obra voltou a incomodar. Pequenos ruídos voltaram a existir e me senti novamente acelerado no tempo.

## Augusto - zona central SP

### Narrativa datilografada:

Conheci a Ritona, uma cearense, ela se engraçou comigo. Fiquei desempregado. Ritona me indicou ir na Shell para ver emprego. Graças a ela arranjei esse emprego. Eu fui bem omisso em relação ao regime militar, eu ficava feliz de chegar na escola a noite e não ter aula e eu poder voltar a descansar.

Eu comecei a namorar a telefonista. Interessante, eu tive três casos na minha vida que deram azar. Acho que era o "y" de Suely. O problema do "y" ainda existe. Porque também teve a Noely, também teve problemas... (risos) ...

Eu frequento a academia há sete anos e conheci uma mulher que era a cara da Suely e a gente não se dá bem. Eu, com minha experiência e idade, deveria entender. A culpa é minha.

Em mil novecentos e setenta fui promovido à chefe.

---

### Escrita pós encontro, impressões do encontro:

O sr. Augusto parecia me esperar. Ele é uma espécie de anfitrião da mesma biblioteca que estive com o Rafael. Assim que a conversa com Rafael terminou, o sr Augusto me chama com um aceno de mão e me pergunta se é entrevista, que ele quer participar. Sento-me junto a ele noutra mesa então. Ele tem vitiligo no rosto e nos braços. Usa uma camisa de manga curta cor azul claro, calça jeans e carrega uma carteira que está sobre a mesa. Seu olhar é intenso, olha diretamente para os meus olhos. Lia um jornal enquanto observava a minha conversa com Rafael. Ao sentar-me ele dispara a falar sobre sua vida desde que chegou em SP: Sou do interior, vim para cá com dezessete anos de trem para trabalhar. Lá não tinha emprego. Comecei a

estudar e trabalhar. E morava em pensão. Conta muitos casos da sua juventude, se emociona por ter alguém o escutando. Diz que ninguém quer ouvir os velhos, que é bom então ser escutado por mim. Sua postura na cadeira é como se estivesse em casa, está solto, leve e à vontade. Pergunta se podemos conversar mais noutro dia, pois ele tem muita coisa para contar. Eu respondo que sim e então marcamos um novo encontro no mesmo local um mês depois.

---

### **Exercício de imaginação, pode ser ficção:**

Desde que comecei a estudar nessa escola me sinto mais cansado. Demoro (sic) demais para chegar até aqui, depois de ter trabalhado o dia todo, praticamente em pé. Tenho duas colegas de classe. Uma delas é daquelas que possuem bastante massa muscular, roliça, de bem com a vida. A outra é negra e se veste como branca. A gente a avisa do equívoco, mas ela diz que não se importa. Eu digo isso, pois nestes tempos, a polícia tá marcando firme. Eu mesmo sou branco, alto, olhos e cabelos castanhos. Tenho lá meu charme de cara bacana. Namorei essa amiga negra antes de ser amigo. Ela era bem boa de cama, fazia umas loucuras que só mulher magra consegue. Subia e descia como um jato, um pula pula animado, uma criança endiabrada. Essa mulher, de certa forma, me lembra o diabo. Uma mulher porreta, com palavrão afiado na ponta da língua, sem desaforo. Um dia, a gente discutiu porque disse a ela que meus pais não ficariam felizes em conhecê-la, mas não ficariam mesmo, qual problema em dizer? Ela se incomodou com esse racismo e me deu uns bons tapas. Ao que devolvi com firmeza e a gente não namorou mais. Meus pais são do interior, nunca aceitariam uma esposa de cor, como eles dizem. Ela é gente fina, educada, mas com a vida estacionada. Mas to contando isso porque quis dizer que eu gosto de todo tipo de mulher. Para mim, qualquer uma é boa. Eu gosto. Eu namorei muito nessa vida. Eu não pretendia casar. Eu sou mais feliz de galho em galho. Se fiz filho não sei. Se tive amor, não sei. Eu gosto de corpo de mulher, das ancas, das magras, das fofas, das grandes, das coxas, das curvinhas entre coxa bumbum, das virilhas, das carnes, dos peitos, os grandes e pequenos, gosto mesmo. Gosto assim. Só que sempre tive problemas com as mulheres. Elas sempre terminam comigo, ou desaparecem sem avisar nem voltar. Teve uma que me deu até indicação de emprego antes de

alterar a minha vida. Fui, fiz entrevista, conquistei a vaga. Só que me engracei com uma secretária e a minha namorada, a que me indicou o emprego, enfureceu as bifas e apareceu lá no trabalho. Me esperou sair, acendeu um cigarro e quando nos viu, eu e a outra - a secretária - apagou seu cigarro no ombro da fulana, pode? A bicha era do candomblé, ou umbanda, não sei, não entendo dessas coisas. Mas desde que esse episódio aconteceu eu não consigo mais subir, sabe? Os troço aqui ficaram mais devagar e só com o remédio é que consigo ereção. Verdade. A mulher me botou nos vodú e me fodeu o esquema. De lá para cá, tinha que começar com os investimentos de carícias, beijo na nuca, pescoço, mão aqui e ali e dizer que precisava urinar. Ia e voltava com a pílula tomada e dizia que era a hora de beber. Tudo no esquema do tempo da medicação. Quando, finalmente, percebia o bicho acordar era hora de catar a mulher e cair em cima. Se demorasse nesse tempo, também não era bom, amolecia logo. Até que um dia, tomei a pílula, engajei no tempo e quando fui para cima da moça ela começou a chorar e tal, eu senti uma angústia. Aquilo ao invés de me irritar, me deu uma emoção que me comoveu. Casei com ela, não no papel, mas dividimos casa. Não transamos nunca. Ela não gosta, acho que é isso. E pra mim é bom ter alguém sensível que precisa de colo e conversa. Eu escuto, dou conselho, choro também. Foi com ela que aprendi a chorar, agora a gente exercita isso, chorar junto.

### Referências:

BAKHTIN, Mikhail. Estética da criação verbal. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BUBER, Martin. Do diálogo ao dialógico. São Paulo: Perspectiva, 1982.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Dicionário Aurélio Básico da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.

FREUD, Sigmund. O estranho. In: Escritos sobre literatura. São Paulo: Hedra, 2014.

FOUCAULT, Michel. História da sexualidade. Volume III. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

\_\_\_\_\_. A hermenêutica do sujeito. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

GALIMBERTI, Umberto. Il corpo. Milão: Feltrinelli, 1996.

HEIDEGGER, Martin. A caminho da linguagem. Petrópolis, RJ: Vozes: Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2012.

LARROSA, Jorge. Tremores: escritos sobre experiência. São Paulo: Editora Autêntica, 2014.

LYNCH, Kevin. A imagem da cidade. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

MERLEAU-PONTY, M. Fenomenologia da Percepção. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

SYDOL Quilici C. (2019) "Performative Writings and Contemplative Exercises", Performance and Mindfulness. 2(1). doi: <https://doi.org/10.5920/pam.559>

ZAMBRANO, María. L'úomo e Il divino [O homem e o divino], Roma, Edizioni Lavoro, 2008.